



ANO LXX - Nº 356
JULHO/DEZEMBRO 2018
SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso SJ

GRATUITO

GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ



PRECES PARA UMA NOVENA

Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

Abertura	pág. 2
Relato da Vida do Padre Cruz	pág. 3
Boas Festas	pág. 15
O Funeral do Padre Cruz	pág. 16
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 21
Campanha de Missas	pág. 24

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

APÓSTOLOS DA CAUSA DO PADRE CRUZ

É este o grande desafio colocado a cada um de nós, os que somos amigos e devotos do Padre Cruz: seremos apóstolos da Causa, dar a conhecer o Padre Cruz, falar dele, da sua vida e santidade. Há tantos que já não o conhecem. Quer os párocos, quer os catequistas, quer qualquer um de nós, temos que ser apóstolos desta grande Causa e procurar colaborar para que o Padre Cruz seja beatificado. Conhecê-lo e dá-lo a conhecer. Não podemos parar. Não nos podemos calar. Não podemos deixar de dar a conhecer este grande “santo”.

Celebrámos com alegria e festa, no dia 1 de Outubro de 2018, os 70 anos da sua morte, da sua entrada no Céu. Foi um momento grande na Capela do Cemitério de Benfica, na Missa presidida pelo Padre Provincial da Companhia de Jesus em Portugal. Bastante gente. Ao longo do dia, muitos peregrinos vindos de muitas terras para rezar e venerar a memória do “santo”. E ao longo do ano parece que não há um dia em que não haja gente a visitar e a rezar junto do jazigo onde o Padre Cruz está sepultado.

Outra boa notícia é a próxima nomeação da nova Comissão Histórica para levar por diante o processo da Causa. Parece ser algo muito importante e que nos traz a todos alegria e muita coragem e audácia. Vamos rezar para que tudo corra bem, para que a Comissão seja abençoada e que trabalhe com ânimo e rapidez. Deus os abençoe. É um passo importante que todos desejamos. Acompanhemos com a nossa oração.

Vamos começar a preparar-nos para celebrar os 160 anos do nascimento do Padre Cruz. Peço que todos se empenhem e vão preparando nas suas famílias, nas suas paróquias, nos seus locais de trabalho, nos movimentos apostólicos, nos grupos de oração, este aniversário. Sonhamos que será um acontecimento bem festejado. Desejamos que todos se empenhem muito. Ser apóstolos do Padre Cruz e da sua Causa deve entusiasmar-nos muito. Caminhemos na alegria e na esperança.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador



A REPÚBLICA

Ajudando os Jesuítas

Vimos (...) que o P. Cruz chegou de Roma a 1 de junho de 1909. A 5 de outubro do ano seguinte rebenta uma revolução contra o rei e contra a Igreja em que matam o rei D. Carlos, a República é implantada em Portugal, as ordens religiosas são perseguidas, com especial ferocidade os Jesuítas que são presos e exilados e os seus

bens passam a ser propriedade do Governo.

A princípio o P. Cruz não sabe de nada pois que estava a pregar Exercícios Espirituais em Cernache do Bonjardim. Assim que soube rumou à Covilhã, hospedando-se em casa do Dr. Anaquim, e contactou o Provincial dos Jesuítas, P. Tavares, que estava escondido nesta cidade. Era intenção do P. Cruz partir para o exílio com os jesuítas uma vez que se sentia um deles mas o P. Tavares disse-lhe que ficasse «para o bem das almas» nesta altura em que tantos sacerdotes eram obrigados a partir.

Então o P. Cruz rumou a Lisboa para casa do seu irmão José que estava à espera dele no Rossio acompanhado de um marinheiro que lhe servia de guarda-costas. Em Lisboa visitava os Jesuítas nas prisões de Caxias e do Limoeiro levando-lhes esmolas e tendo mesmo levado dinheiro para as passagens de saída de Portugal, mandado por D. António Mendes Belo, Cardeal Patriarca de Lisboa.

No dia 2 de novembro acompanha ao Porto o Jesuíta P. Carlos de Gouveia que o Governo tinha autorizado a ficar em Portugal por estar doente demais para fazer a viagem para o exílio. O P. Gouveia ficará internado no Hospital da Ordem Terceira e virá a falecer três meses depois.





Vivas à República

Alguns Enxovalhos

O P. Cruz também foi molestado pelos partidários da República. Certa vez, numa visita ao Limoeiro, viu um amigo incomunicável mas lembrou-se de lhe perguntar como é que estava. Ora tinha infringido as regras da cadeia, tinha falado com uma pessoa que estava incomunicável. De maneira que o mandaram esperar pelo diretor para ver o que é que este tinha para lhe dizer quanto a este caso. Só que chegada a noite o diretor ainda não tinha aparecido (ou não se deu por aparecido.) O P. Cruz ficou na cadeia «à espera do diretor» oito dias, findos os quais foi solto após breve conversa com o diretor. Este apenas lhe disse que podia partir sem pagar as custas do encarceramento e que o seu nome não ficava registado na cadeia. Na rua o P. Cruz tinha que andar com a batina escondida por baixo de um casaco – trazia-a enrolada – e desenrolava-a sempre que entrava numa igreja ou numa casa amiga. Os sacerdotes não eram autorizados a usarem as suas vestes próprias na rua.

Um dia uns rapazes começaram a berrar-lhe «Jesuíta», «olha um Jesuíta». (Provavelmente os rapazes tinham sido acicatados por algum adulto porque, ser Jesuíta, implicava ser preso.) O P. Cruz em vez de se zangar comprou pão para os rapazes e pediu-lhes que da próxima vez que o vissem lhe voltassem a chamar Jesuíta que ele gostava muito de ser chamado «Jesuíta».

O nosso bom Padre visitava particularmente os bairros pobres de Lisboa nomeadamente Costa do Castelo, Alfama, Mouraria, Bairro Alto, daí que fosse muito conhecido. Um dia um condutor de um elétrico, talvez republicano, não parou ao aceno do P. Cruz e um carroceiro atravessou-lhe a carroça à frente para ele ser mesmo obrigado a parar, dizendo ao P. Cruz: «Suba agora, Sr. P. Cruz.»



Manifestação anticlerical - 1912

Retratos do P. Cruz

Em 1925, o Sr. D. António Mendes Belo quis nomear o P. Cruz Cónego da Sé Patriarcal. Em resposta, o P. Cruz escreveu-lhe uma carta em que, depois de se pôr inteiramente nas mãos do Sr. Cardeal, dava conta do que entendia ser a missão da sua vida, incompatível com o cargo de cónego. Transcrevo esse extrato pelo seu grande interesse:



«Há muitos anos que eu me sinto atraído (...) para ajudar espiritualmente os presos das cadeias, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados e tantos pecadores e almas desamparadas (...). Tenho também grande consolação em ajudar os reverendos Párocos nos exercícios de piedade e demais encargos do santo ministério, indo por toda a parte levar na medida das minhas forças os socorros da Religião a muitas pessoas (...).»



O Padre Cruz com crianças

Mas o P. Cruz de maneira nenhuma se quer subtrair à vontade do Sr. Cardeal e acaba a carta nestes termos:

«Agora disponha V. Em^a como entender, na certeza que sou e serei sempre súbdito muito fiel, dedicado e obrigadíssimo».

«Em virtude desta exposição o Sr. Patriarca não nomeou o Rev. Padre Cruz Cónego da Sé de Lisboa. A vida deste bondoso ministro do Senhor foi dedicada às visitas às cadeias e aos hospitais, ao socorro dos pobres – a quem distribuía o dinheiro que lhe davam as pessoas abastadas – ao bom conselho aos extraviados do caminho do dever, à proteção da infância pobre e ao auxílio aos Párocos de muitas e diversas freguesias do país, que o chamavam para os ajudar nos exercícios de piedade, nas confissões e demais encargos do seu ministério.» Visitava também os manicómios.

Vejam agora alguns extratos do retrato do P. Cruz por Manuel Ribeiro, no seu livro «A Catedral»:

«As pequenas igrejas, os santuários modestos e pobres é que o virtuoso sacerdote mais frequentava, de preferência às grandes paróquias abastadas. Lausperenes, terços, novenas e rosários, ingénuas devoções tocadas de simplicidade, (...) formavam o coro litúrgico do Padre Cruz. Homilias chãs, familiares, sem ressaibos de retórica,

em linguagem desataviada, terra a terra que ia direita aos corações. Suas prédicas faziam bem. Os torturados, os que sofriam e desejavam alívio, punham-lhe logo a alma aos pés, mal o ouviam, porque ninguém entendia, melhor do que ele, íntimos males discretos, nem havia quem o excedesse na arte de suavizar mágoas e pôr pensos numa ferida.

(...)

[No sacramento da confissão] o Padre Cruz ouvia com atenção, inquiria paternalmente e, quando de certas premissas antevia coisa grave, auxiliava, ia adiante das palavras, desenraizava o pecado.

Não era só nas igrejas que se procurava o Padre Cruz. Recebia cartas anónimas, apelos de gente desconhecida.

Abordavam-no em plena rua; forçavam-lhe até o domicílio. Alvo de mil solicitações, via-se a braços para acudir a tanto encargo. Mas o santo por todos pedia, por todos rezava.»

E assim chegámos ao fim do capítulo de hoje. Vamos a ver que surpresas nos esperam no próximo.

Facetas do Padre Cruz

Vamos (...) mostrar algumas facetas do Padre Cruz. (Os dados biográficos de que dispomos são escassos, mas temos relatos de muitos aspetos da vida do nosso bom e santo padre).

E a propósito da palavra «santo» aplicada ao Padre Cruz, que nós só usamos em sentido popular e não em sentido canónico, temos uma história para o leitor:

Numa carruagem do comboio Porto-Lisboa ia o Padre Cruz e um casal. No decorrer da conversa, o Padre Cruz ficou a saber que os ditos senhores iam a um funeral a Lisboa.



Busto do Padre Cruz,
Centro Paroquial de Alcochete



O Padre Cruz interessou-se e disse que também iria ao funeral celebrar a missa de corpo presente. Ao que a senhora retorquiu: «Poucos terão a felicidade de serem sufragados por uma missa dita por um santo». Ao que o Padre Cruz respondeu: «Têm-me chamado muita coisa e eu nunca me ofendo...». Aqui temos um exemplo da sua grande modéstia e do seu humor.

Vários pintores tentaram pintar-lhe o retrato, mas revelou-se uma tarefa impossível, porque o Padre Cruz se recusava a posar. Só o pintor Romano Esteves é que conseguiu essa façanha porque deu ao Padre Cruz um conto de reis (muito dinheiro, na altura) para os seus pobres.

O Padre Cruz era incansável no seu múnus pastoral. Ia a todos os lugares. E nem todos os lugares eram acessíveis de carro, muito menos de comboio, de maneira que o Padre Cruz «continuou a montar jumentinhos para subir serras e descer vales, por carreirinhos de mato pisado ou sobre pedras gastas pelos nossos pastores de gado»¹.

Quando, já muito idoso, lhe custava aguentar-se sobre as jumentinhas, que o sacudiam no seu balancear incerto nos caminhos pedregosos, faziam-lhe uma cadeirinha de mãos e assim o levavam². E não nos esqueçamos que viajava assim sob a torreira do sol ou no meio de invernosas tempestades. Quantas vezes, o Padre Cruz chegava ao termo da viagem sedento e a escorrer suor, ou a tiritar com frio e molhado até aos ossos! Aceitava e agradecia uma bebida quente, mas não ficava à beira do lume a aquecer-se e a descansar. Se era hora, seguia logo para a igreja, tantas delas de lajedo frio e atravessadas de correntes de ar, donde voltava mais enregelado ainda.

Só então comia alguma coisa. À chegada, estava sempre ansioso por ir para a igreja. Embora lhe dissessem que a refeição estava pronta... «Não vim aqui para comer», dizia – e só se sentava à mesa quando regressava, quantas vezes perto da meia-noite³!

¹ Maria Joana Mendes Leal, *O «Santo» Padre Cruz*, Editorial A. O., Braga, 2003, 128.

² *Idem*.

³ *Idem*.



Rezava continuamente

Também rezava muito de noite, tirando essas horas ao descanso. Conta um sacerdote que pernoitou com ele que uma hora depois de se terem deitado já o Padre Cruz o chamava para fazerem a Hora Santa, porque era a hora em que o Senhor tinha agonizado. Duas horas depois, o Padre Cruz voltou, querendo rezar de novo, porque era a hora dos grandes pecadores. Mais perto da hora de levantar, o Padre Cruz voltou a ir ter com o tal sacerdote para rezarem para que os habitantes daquela paróquia não faltassem à pregação. Nas outras duas noites em que o sacerdote esteve com o Padre Cruz deu-se a mesma coisa. Um dia, quando ia entrar num comboio, um pobre pediu-lhe uma esmola, ao que o Padre Cruz respondeu que só tinha o dinheiro certo para o comboio. O pobre respondeu que para onde o Padre Cruz ia não era muito longe e que podia ir a pé. E o Padre Cruz foi mesmo!



Padre Cruz,
Colégio dos Orfãos, Braga

Um milagre

Um dia, o Padre Cruz estava na quinta do Marquês de Pombal. Porque tinha um joelho com um calo muito infetado, chamaram, da Casa de Saúde do Telhal, alguém que lhe pudesse acudir. O Irmão enfermeiro que veio pôs-lhe uma pomada e, dado o estado da ferida, calculou que demorasse algumas semanas a sarar. O Padre Cruz que, no seu ardor apostólico, não queria ficar parado tento tempo, pediu ao enfermeiro para o deixar abençoar o penso antes de ser aplicado. Daí a três dias, o irmão voltou para mudar o penso e viu que a ferida estava completamente curada.



O Padre Cruz no comboio
com o terço





Confessionário da capela da casa das Senhoras Caldas Machado, onde o P. Cruz passou horas a confessar

A oração do Padre Cruz era contínua. Um dia, num comboio, iam duas senhoras a conversar. A certa altura, uma perguntou-lhe: «Vossa reverência não se cansa de ir sempre a rezar?» Resposta: «E as senhoras não se cansam, sempre a tagarelar?».

O Padre Cruz rezava tanto que era capaz de medir as distâncias em orações. Um dia, num carro, perguntou a um amigo: «Sabe que distância é do Governo Civil à Rua da Palma?» (...) «É um terço» E foi mesmo.

Nem «o chá» o fazia parar de rezar. Depois de ter feito a Entronização do Sagrado Coração de Jesus numa casa

foi tomar chá com o dono da mesma, que tinha sido seu condiscípulo, e foram falando de colegas daquele tempo. Sempre que falavam de algum que já tivesse morrido, o Padre Cruz dizia: «Vamos rezar um Pai-Nosso pela sua alma». E assim fizeram durante todo o chá.

O terço com o Senhor Cardeal Patriarca

Já noite fechada, terminada a Visita pastoral do Senhor Patriarca, D. António Mendes Belo, à paróquia de S. Domingos de Camões, Sua Eminência, visivelmente fatigado, tomou lugar no automóvel, para o regresso ao Paço Patriarcal de Lisboa.

Maria Joana Mendes Leal, no seu livro «O 'Santo' Padre Cruz», conta-nos que «à saída da povoação, o carro



estacou subitamente. Apareceu, então, à porta do veículo o Rev.º Padre Dr. Cruz, a solicitar com palavras humildes um lugar até Lisboa, o qual lhe foi concedido de bom grado pelo Venerando Cardeal, que o fez sentar ao seu lado.

A viagem prosseguiu. Não eram, porém, andados trinta metros, e eis que o Rev.º Padre Cruz quebrou o silêncio, dizendo em voz alta: «Saiba V. Eminência que eu ainda hoje não rezei o meu terço. Se, pois, me dá licença, vou rezá-lo só para mim; pois V. Eminência vem cansado, assim como os seus Padres».

Ouvidas palavras de aprovação, o Rev.º Padre Dr. Cruz começou em voz alta «*Deus, in adiutorium meum intende...*», (e aqui fez uma pausa, como quem espera ser acompanhado). A reza continuou, alternando com ele o Eminentíssimo Prelado e os Padres. Mas aquele “seu Terço” não mais acabava!... Eram Terços e Terços, seguidos uns aos outros, tanto mais que a estrada estava esburacada e o automóvel seguia com velocidade moderada. Dir-se-ia um desafio entre a piedade e o ardor inquebrantáveis do santo Sacerdote e as rotações certas do motor do veículo. Um e outro não se davam por vencidos, e seguiam estrada adiante, qual deles clamando mais forte. Sua Eminência acompanhou sempre aquela Ladainha de Terços.

Após quase duas horas de viagem, o carro parou à porta do Paço Patriarcal. O Rev.º Padre Dr. Cruz rezava, naquele momento, o quinto mistério do nono Terço. Todos se apearam, entrando no átrio do Paço. Então o Rev.º Padre Dr. Cruz, volvendo-se para o Venerando Prelado, disse: «Se V. Eminência dá licença, vamos acabar este Terço, pois falta só um mistério». E, sem esperar resposta, continuou. Depois, ainda recitou a Oração a São José... o Lembrai-vos... a Consagração a Nossa Senhora... a Ladainha e a respetiva Oração.



Padre Cruz e o seu terço



Ao acabar, ajoelhou aos pés de Sua Eminência, dizendo: «Já que não temos agora a Bênção do Santíssimo Sacramento, queira V. Eminência abençoar-nos». E o santo Sacerdote, com delicadas e reverentes expressões, agradeceu ao Prelado a sua Bênção e dispôs-se a ir para a sua casa. Eram 21h30.

Entretanto, Sua Eminência mandou que eu fosse com o Rev.º Padre Cruz, a acompanhá-lo a sua casa, na rua de Renato Batista. Era perto.

Quando o automóvel penetrou naquela rua, notou o Rev.º Padre Cruz que a capela existente ali estava aberta. Pediu imediatamente que o carro parasse; desceu apressado e entrou. O Rev.º Capelão ia dar, naquele momento, a Bênção do Santíssimo.

O Rev.º Padre Cruz ajoelhou, quase curvado o corpo até ao chão, e recebeu a Bênção; e, quando acabou a cerimónia, ouviu-se a sua voz bem conhecida a guiar as respostas dos fiéis às saudações eucarísticas. Quase logo, o Rev.º Padre Dr. Cruz ergueu-se, voltou a face para os fiéis e disse-lhes: «Meus irmãos, acabo de chegar de uma Visita Pastoral com Sua Eminência. Foi um dia de muitas graças. Em louvor de tantos benefícios, vamos fazer a Via Sacra. E logo exclamou: Primeira estação – Jesus condenado à morte... e lá prosseguiu...

Era assim o santo e saudoso Padre Cruz! Como o divino Mestre, «orava, orava sem cessar». A sua alma era lampadário vivo em que o óleo sagrado da oração jamais se extinguiu!...⁷⁴. A sua oração era tão constante que chegava a causar estranheza».

Mas não era só junto de pessoas religiosas que o P. Cruz rezava em voz alta. Também incentivava desconhecidos. Em certa ocasião (9 de abril), tendo os canhões anunciado três minutos de silêncio pelos mortos da Primeira Grande Guerra, o P. Cruz, depois de cumprir os três minutos de silêncio, convidou todos os que estavam ali para rezarem uma estação (5 Pai-Nossos, 5 Ave-Marias, 5 Glórias) pela alma dos caídos em combate.

4 Boletim das Graças do Padre Cruz, n.º 8, citado em Maria Joana Mendes Leal, O “Santo” Padre Cruz, Ed. A.O., Braga 2003, págs. 174-175

As Congregações Marianas

Quando os Jesuítas foram expulsos de Portugal, por ocasião da implantação da República, foi o P. Cruz que assegurou a manutenção da Congregação Mariana de Maria Imaculada e Sta. Inês. O P. Cruz foi Diretor desta Congregação de 1911 a 1926, tempo durante o qual se restabeleceram as reuniões



O Padre Cruz numa pregação, Braga, 1933

de piedade e trabalho, concretamente a confecção de vestuário para crianças pobres, abriu-se uma aula semanal de costura que, em 1921, se transformou numa escola primária, com efeitos muito benéficos nas famílias das alunas, legitimando-se muitas uniões ilícitas e fazendo-se batismos, assistindo-se os moribundos. Também se fez o Lausperene uma vez por ano. E um seminarista pobre do Patriarcado era ajudado⁵.

Fátima, os pastorinhos e o P. Cruz

Fátima foi acolhida pelo P. Cruz desde os seus alvares. Parece mesmo que o Cardeal Patriarca D. António Mendes Belo se terá «convertido» às aparições de Fátima por influência do P. Cruz.

O P. Cruz teve um primeiro encontro com os pastorinhos em que os interrogou, lhes pediu que lhe mostrassem a carrasqueira onde Nossa Senhora tinha aparecido e em que lhes ensinou duas jaculatórias: «Ó Meu Jesus, eu Vos amo!» e «Doce Coração de Maria, sede a minha salvação»⁶.

5 Cf. Maria Joana Mendes Leal, O “Santo” Padre Cruz, pág. 186

6 *Novidades*, 9 de Agosto de 1945, citado em Maria Joana Mendes Leal, O “Santo” Padre Cruz, Ed. A.O., Braga 2003, págs. 188-189



Ainda antes de 13 de outubro de 1917, o P. Cruz fez uma segunda visita a Fátima que ficou célebre, durante a qual rezou o terço com os pastorinhos e lhes disse que não tivessem medo, que não era o demónio mas Nossa Senhora que aparecia. O P. Cruz, que ia preparado para confessar os pastorinhos, não o fez por achá-los de extrema inocência. Jacinta estava preparada para ser interrogada por um sacerdote que havia de vir e que «adivinhou e lia nos corações». Ao que Jacinta retorquiu: «Quando virá esse sacerdote que adivinha? Se adivinha, há-de saber muito bem que falamos verdade!» O P. Cruz conta que, antes de regressar, Jacinta lhe disse: «Vossemecê já está bem velhico (sic)»⁷. Ao que remata o P. Cruz: «E afinal ainda cá ando e ela já não é deste mundo». Depois destas visitas houve várias outras mas Lúcia – a relatora – não se recordou das datas.

O P. Cruz deu a comunhão a Lúcia antes de o Anjo o ter feito na Loca. Foi a primeira comunhão de Lúcia, como ela no-lo conta em carta do Carmelo de Coimbra, de 28 de novembro de 1952:

«Recordo que estando eu na igreja a chorar por o Pároco se negar a dar-me a comunhão, tendo-me prometido se eu aprendesse a Doutrina, entrou na igreja o Sr. Pe. Cruz, que tinha ido para ajudar o Pároco naqueles dias, e informado do motivo das minhas lágrimas, levou-me pela mão para a Sacristia, interrogou-me sobre a Doutrina, voltou depois comigo junto do Pároco, convenceu Sua Rev.^a a deixar-me comungar, dizendo que tomava a responsabilidade, e que queria, ele mesmo, no dia seguinte, dar-me a Sagrada Comunhão. Levou-me depois para junto da porta da sacristia sentado em um banquito, sem confissão aí me confessou, e no dia seguinte deu-me a Sagrada Comunhão».

P. Gonçalo Miller Guerra, sj

Textos publicados na revista “Cruzada”, maio-julho 2018

⁷ *Novidades*, 9 de Agosto de 1945, citado em Maria Joana Mendes Leal, *O “Santo” Padre Cruz*, Ed. A.O., Braga 2003, pág. 190



A todos os Amigos do
“Santo” Padre Cruz
e suas Famílias,
um Santo Natal e um
Próspero Ano Novo 2019
com as bênçãos de
Deus Menino.

O Vice-Postulador da
Causa de Canonização do Padre Cruz
P. Dário Pedroso, s.j.





Passagem do cortejo fúnebre em frente à Igreja da Madalena, Lisboa

FUNERAL DO PADRE CRUZ

A notícia da morte do Padre Cruz foi dada pela Emissora Nacional no noticiário das 13 horas' e retransmitida de boca em boca por todos os que deste ou doutro modo dela tiveram conhecimento; quando os jornais da tarde saíram, já meia Lisboa e meio Portugal sabiam que tinha morrido o Padre Cruz! E no dia seguinte, Lisboa inteira e Portugal inteiro estavam cheios da «notícia enorme».

(...)

A Santa Igreja chama os Santos de Deus e os Anjos a tomarem parte no cortejo que conduz ao templo os despojos dos seus filhos. E certamente os Anjos e os Santos acorreram a cantar aleluias de ressurreição e alegrias!

Os homens, esses, não tinham vontade de cantar. A sua partida deixava-os mais sós, mais pobres e mais tristes.

Como sucedera na capela do Largo do Caldas, a Polícia teve de organizar na Sé o desfile da multidão: filas compactas circulavam pelas naves, passando sucessivamente por diante do corpo venerado.

Se pudessem, todas aquelas pessoas permaneceriam ali! Mas a ordem era seguir, dar lugar a outros.

Montes de flores faziam pedestal ao caixão. Tinham de ser afastadas para não cobrirem e esconderem o corpo. Levavam-se como relíquias pétalas dessas flores, já que nem todos conseguiam tocar terços e medalhas nas suas mãos que tanto abençoaram.

Durante toda a noite, o corpo foi velado por numerosas pessoas.

*Vejo-o na urna, amortalhado em linho,
As mãos no peito como uma criança;
Almas e almas a rezar baixinho
No silêncio da noite acesa e mansa.*

*Terminou para ele o seu caminho.
Cresce dentro de nós, a nossa esperança.
Quem andou Portugal, do Algarve ao
Minho, Merece descansar... e em Deus
descansa.*

*O seu corpo de asceta peregrino
Já não se move, cumpre o seu destino
Na morte, sobre o chão da Catedral.*

*Em derredor há lágrimas de luz.
É Portugal que chora o Padre Cruz
Que os prantos enxugou a Portugal.¹*

Sim, as lágrimas que caíam junto do seu caixão eram «lágrimas de luz», que os olhos choravam e as almas recolhiam, sentindo-se purificadas na fé e no amor de Deus que a sua presença despertava.

¹ Mons. Moreira das Neves.



«Morrer — disse alguém — é trocar astros por círios». Aqui, dava-se o contrário; aqueles círios iluminavam como estrelas: a sua alma só no céu havia de procurar-se...

Durante toda a manhã sucederam-se as missas; às 11 horas foram celebradas solenes exéquias, às quais assistiram o Ministro da Guerra e outras personalidades: Governador Civil de Setúbal, Presidente da Câmara de Alcochete, etc. Não é costume um simples Padre ter exéquias na Sé Patriarcal. Mas o senhor Cardeal Patriarca permitiu a excepção, «como excepcional foi o santo morto», justificou.

Assistiu todo o Cabido; deu a absolvição o senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira; a *Schola Cantorum* do Seminário dos Olivais cantou os ofícios litúrgicos.

E diante do corpo do Padre Cruz, rodeado pela Igreja de respeito tão grande e chorado pelo povo com amor tão sentido, sacerdotes e seminaristas terão apreciado melhor a sua própria vocação.

Que vale a vida que se não projecta na eternidade? Tão curta é a existência, que a nossa morada na terra é sempre «tenda de pastor», que após breve noite se enrola. E quer a «teia da vida» tenha sido tecida com fios de ouro ou estopa grosseira, quando a morte a corta, fica o mesmo trapo que a traça destruirá se na teia se não misturaram os fios eternos das virtudes e boas obras.

Com a tenda do pastor e a teia do tecelão é comparada a vida no Ofício dos Mortos. Naquele dia, sacerdotes e seminaristas terão compreendido melhor estas comparações.

E talvez muitos dos que na Sé se encontravam e temiam a morte, terão compreendido também melhor que, para o homem, só existe um abrigo seguro: os braços de Deus!

«Onde se há-de esconder o pecador, para evitar a cólera do Senhor, quando este vier para julgar os vivos e os mortos? Onde me refugiarei senão em Vós, meu Deus?»

Palavras como estas, já não aproveitam aos que repousam no caixão: o seu destino já se decidiu. A Santa Igreja di-las para os vivos, para aqueles que caminham nas trevas ou hesitam em seguir o Senhor de perto.

As 15 horas, o cortejo fúnebre saiu da Sé, acompanhado por milhares de pessoas, entre as quais se viam desde a varina às mais altas individualidades’.

Tomaram parte no funeral os Ministros da Educação Nacional e dos Negócios Estrangeiros; Subsecretários de Estado da Assistência e das Finanças; representantes dos Ministros da Guerra e da Economia, dos Subsecretários de Estado do Comércio e da Indústria e da Agricultura; representantes dos senhores Cardeal Patriarca, Bispos de Viseu, do Porto e Guarda; do Governador Civil de Setúbal; representantes da Câmara Municipal de Lisboa’ e de Alcochete, representantes da Misericórdia, Casa do Povo, Sindicatos e outras actividades da mesma vila; Presidente da Comissão da União Nacional de Alcochete, etc.

Quem passasse, ao ver tantos estandartes de Associações religiosas e tantos sacerdotes, julgaria que era vistosa procissão!

E se lhe dissessem que era um enterro, e não soubessem quem ia a enterrar, vendo tão altas individualidades e tão grande multidão, pensaria que era um grande deste mundo...

Talvez um rei?! Mas sobre o humilde caixão de pinho não se via nenhuma coroa recamada de pedras preciosas... E nenhum fidalgo o precedia com o estandarte real...

Quem era, então, que ia ali a enterrar?

Um general? Um sábio? Um político? Um banqueiro? Um grande proprietário?

Quem era esse a cuja passagem o povo, apinhado nos passeios, ajoelhava, como se passasse o Senhor?

Quem era esse que a multidão seguia, mar sempre a crescer, que de todos os lados desembocavam rios que se lhe vinham juntar?

Quem era esse que os doentes do Instituto do Cancro, de joelhos sobre os muros, vieram ver passar para a última morada?

«O concurso de gente de todas as classes sociais à casa onde morreu, à capela onde foi depositado o seu corpo e à Sé Patriarcal onde se realizaram as exéquias, foi absolutamente extraordinário e pode mesmo dizer-se um espectáculo nunca visto. A notícia da sua morte abalou toda a gente e era constante o comentário: Era um Santo! Era um Santo!» (Mons. António Paulo Marques).



Quem era esse que os pobres pranteavam como um pai e a quem os presos do Limoeiro ofereceram uma coroa de flores?

Quem era esse que os moradores da Mouraria e de Alfama choravam como amigo e Ministros de Estado acompanhavam ao cemitério?

Alguém que, ao partir, deixava os pobres mais famintos, os infelizes mais desafortunados, os tristes mais vazios de esperança, os desencaminhados mais perdidos na noite escura. Alguém cuja vida confirmou a verdade das palavras do Padre Manuel Bernardes: «O meio de conseguir nome eterno são as virtudes e não as vaidades... Vivei bem; e cada acção virtuosa seria uma estátua da vossa fama e um epitáfio da vossa memória».

No Terreiro do Paço, o caixão, que até ali tinha sido conduzido aos ombros, por Irmandades, Sacerdotes e Religiosos da Companhia de Jesus, foi colocado num modesto auto-fúnebre. Dali até Benfica, só automóveis acompanharam, em extenso cortejo: mais de 400!

À porta do cemitério aguardavam-no milhares de pessoas, entre elas o Embaixador de Portugal em Madrid, representantes do Presidente do Conselho, Ministros das Obras Públicas e Economia, etc.

Em silêncio comovido, o caixão foi conduzido para o jazigo da Companhia de Jesus, por determinação sua. (...)

E lá ficou...

Os que o acompanharam, voltaram em triste soledade. Ele, por detrás da grande cruz que de alto abaixo abraça a porta do jazigo, devia sentir-se feliz: era-lhe dado, enfim, viver em comunidade, com votos perpétuos...



Jazigo da Companhia de Jesus,
Cemitério de Benfica, Lisboa, 3.10.1948

Maria Joana Mendes Leal, *O Santo Padre Cruz*, pp. 498 a 502.

Agradeço ao Padre Cruz por...

Ter ajudado o meu marido quando prestou serviço na Companhia da Guarda Fiscal, na Ex-Província Ultramarina de Angola.

Tinha à sua guarda um camião, apreendido com contrabando, que foi roubado durante o seu turno. Perante esta aflição, pedi ao “Santo” Padre Cruz, e o meu marido recuperou o camião.

Margarida da Encarnação Alves Esteves (Nantes);

A sua intercessão na recuperação da doença, tão grave, que o meu filho sofreu.

Gracinda Nunes Durão Correia (Portalegre);

Me acompanhar todos os dias, por todas as graças recebidas ao longo da minha vida, tanto para mim como para meus familiares, pela saúde, minha, da minha filha, genro e neto.

Maria do Rosário de Fátima Jesus Batista (Coimbra),

Uma grande graça recebida por intercessão do Servo de Deus na minha vida profissional.

Maria da Conceição Silva Nunes, (Sertã);

Quando me encontrava desempregado há mais de um ano e não havia meio de começar a trabalhar, através da sua intercessão ter conseguido obter uma entrevista e após algum tempo começar a trabalhar.

Bendito seja Deus!

Leonel RD



Devido a uma aparatosa queda, dei entrada no hospital em estado grave. Dos resultados dos exames médicos, o que mais me preocupou foi a existência de uma hemorragia cerebral e temi as consequências que daí poderiam resultar.

Pedi auxílio. Algum tempo antes tinha ouvido um sacerdote falar na santidade do Padre Cruz, a que os meus pais e pessoas da sua geração se referiam. Pedi a sua intercessão de modo insistente. Graças a Deus, porque a situação se resolveu o melhor possível, testemunho publicamente a minha gratidão ao servo de Deus Padre Cruz e rezo para que a sua santidade seja reconhecida por toda a Igreja.

M. I. Fonseca (Enviado pelo Apostolado da Oração, Braga)

Ter ouvido o meu pedido. O “*Santo*” Padre Cruz tem-me ajudado e agradeço-lhe muito, também pelo que fez pela minha mãe.

Maria Zulmira Caramelo (Trevões);

Estando eu com muitas dúvidas em relação a um nódulo no peito, pedi ao Padre Cruz que intercedesse por mim e quando fui ao médico, fiz exames e disse que não era nada de grave.

Arlette Pinheiro Alves Teixeira (Braga);

A operação que a minha irmã fez à coluna ter corrido muito bem, depois de eu ter feito a novena ao *santinho* Padre Cruz.

Ilda Loureiro (Amadora);

Quero partilhar um episódio ocorrido na casa que pertenceu à minha avó, com grande devoção ao “*Santo*” Padre Cruz.

Esta casinha ficou em herança a três herdeiros, um deles subiu por uma escada, encostada a uma cerca com extremidades em forma de seta, ao telhado para colocar telhas, ficando um primo em baixo. Chegado acima, escorregou e caiu, o primo, não sabe como recebeu-o nos braços, caíram os dois, mas evitou-se o pior, pois ficaria trespassado na cerca. Deus estava ali, eu penso que foi intercessão do “*Santo*” Padre Cruz.

Maria Augusta Santos Ramos Silva (Ansião).



*Deram
Esmola
e Agradecem
Graças*

Maria da Conceição Rebola (Arcos de Valdevez); M. Lopes (Coimbra); Ondina Alice Vera-Cruz Lima (São Vicente, Cabo Verde); Maria Alice Pimenta Gomes (Mós); Alice Machado Morgado (Costa de Caparica); Maria da Graça Pereira Inácio (Eugaria); Ana Rosa Carreira (São João do Estoril); Maria Odete Pereira Cabral (Lisboa); Maria Alice (Lisboa); Ana Maria Rosa de Amaral Ferreira (Fernão Ferro); Florinda Sousa Rodrigues (Freitas); Maria Rosette da Silva Pereira Saraiva Marques (Lisboa); João da Costa Tavares (Porto Salvo); Beatriz de Fátima da Conceição

Morais (Coimbra); Maria Alice Teles Remédios (Lisboa); Maria de Fátima da Moita (Cinfães); Filomena Azevedo (Biscoitos, Açores); Tília Faria Almeida (Porto); Andrade (Elizabeth, EUA); Abílio José da Assunção (Avelar); Maria do Carmo Fariinha (Lisboa); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Benavente); Maria Madalena Amaral António (Lisboa); Isabel Maria Fonseca Prata (Souselas); Lourdes Melo (Calgary, Canadá); Maria Isabel Rosado Rufino (Ponte de Sor); Rosa Fernandes Vasconcelos e Maria Pureza Vasconcelos Fernandes (Sabadim).





*Mandaram celebrar
Missas pela
Beatificação do
Padre Cruz*

Igreja de S. Vicente de Fora

Augusta Branca Jesus Marcos (Odivelas); Maria Cândida Caixinha (Lagoa); Maria Arménia Agria (Coimbra); Maria Teresinha Silva (Almada); Maria Luísa Almeida (Coimbra); António Xavier Forte (Escudeiros); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Irene Müller (Berna, Suíça); Maria de Lurdes Teles Rodrigues (Ílhavo); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Clemência Graça Almeida (Lisboa); Mavilde

Graça Almeida (Lamego); Celeste Veiga Pinto (Avelãs do Caminho); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (São Pedro do Sul); Cecília Maria Dentinho da Silva (Meãs do Campo); Marta Hibon de Campos e Arnaldo Hibon de Campos (Cascais); Mariana Monteiro Santos Ferreira (Estarreja); Aida Fernandes e Aida Cunha (Boulogne-Billancourt, França); Maria Margarida Arruda (Manitouwadge, Canadá).

Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza.

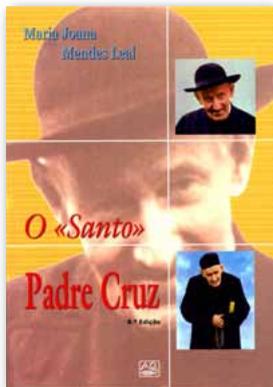
Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se a cura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Director do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Director Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971





O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

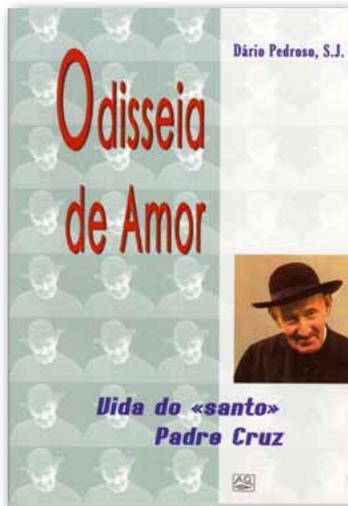
8ª edição: 11€.

ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz. São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade, Edição e Redação: Causa de Beatificação e Canonização do
Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ

Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA

Te1ef.: (+351) 218 860 921

Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Depósito Legal n.º 17.244188

Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita

Pedidos de livros: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. | Rua S. Barnabé, 32 | 4710-309 BRAGA

e-mail: livros@snao.pt | Tel.: 253 689 443